

05

**LITERATURA DECADENTE E PESSIMISMO CULTURAL:
A FRANÇA *FIN-DE-SIÈCLE* NOS CONTOS
DE LÉON BLOY¹**

DANIEL AUGUSTO PEREIRA SILVA

DANIEL AUGUSTO P. SILVA

Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2023).

Professor Adjunto de Língua e Literatura Francesa do Instituto de Letras da UERJ.

Integrante do Grupo de Pesquisa Arte, Realidade e Sociedade (CNPq/Fundação Biblioteca Nacional), do Grupo de Pesquisa Estudos do Gótico (CNPq) e do Grupo de Pesquisa Nós do Insólito: vertentes da ficção, da teoria e da crítica (CNPq).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7607360386428536>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1804-0508>.

E-mail: daniel.augustopsilva@gmail.com.

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal analisar como a literatura decadente francesa se relacionou com a noção de pessimismo cultural, conforme formulada pelo historiador Arthur Herman (2001). Partimos da hipótese de que a visão negativa dos autores da ficção *fin-de-siècle* sobre a modernidade ocidental — industrializada, materialista e secular — se expressou em narrativas repletas de figuras

1 Título em língua estrangeira: “Decadent Literature and Cultural Pessimism: *Fin-de-Siècle* France in the Short Stories of Léon Bloy”.

perversas e repugnantes. Na primeira parte do trabalho, valemo-nos dos estudos de Mastroianni e Gilbert (2023), Michel Winock (2017), Antoine Compagnon (2011) e Eugen Weber (1988) para apresentar como a percepção de decadência da sociedade se configura como um viés psicológico e se constituiu como uma tradição intelectual. Em seguida, como estudo de caso, analisamos parte da contística de Léon Bloy (1846-1917), em especial os textos publicados no volume *Histoires Désobligeantes* (1894). Nessas narrativas, o progresso tecnológico, a secularização, o culto ao dinheiro, a hipocrisia social e o sensacionalismo da imprensa são retratados, na esteira do pessimismo cultural, como elementos monstruosos e repulsivos, supostamente responsáveis por uma degeneração coletiva. **Palavras-chave:** Decadentismo. Léon Bloy. França *fin-de-siècle*. Literatura francesa. Contos.

Abstract: This article aims to analyze how French decadent literature relates to the notion of cultural pessimism, as formulated by historian Arthur Herman (2001). We start from the hypothesis that the negative view of *fin-de-siècle* fiction writers on Western modernity — industrialized, materialistic, and secular — is expressed in narratives filled with perverse, and repugnant figures. In the first part of the study, we draw on the works of Mastroianni and Gilbert (2023), Michel Winock (2017), Antoine Compagnon (2011), and Eugen Weber (1988) to show how the perception of societal decline functions as a psychological bias and has become an intellectual tradition. Next, as a case study, we analyze selected short stories by Léon Bloy (1846–1917), particularly those published in the volume *Histoires Désobligeantes* (1894). In these texts, technological progress, secularization, the cult of money, social hypocrisy, and sensationalist journalism are depicted, in line with cultural pessimism, as monstrous and repulsive elements, supposedly responsible for collective degeneration.

Keywords: Decadentism. Léon Bloy. *Fin-de-siècle* France. French Literature. Short Stories.

O PENSAMENTO DA DECADÊNCIA

A partir de entrevistas com indivíduos de diferentes países, estudos na área da psicologia experimental têm identificado a ubiquidade da crença na ideia de declínio moral. Num artigo publicado na revista *Nature*, Adam Mastroianni e Daniel Gilbert (2023, p. 782) expuseram os resultados de um conjunto de pesquisas que revelam que “pessoas em pelo menos 60 nações ao redor do mundo acreditam que a moralidade está declinando, [e] que elas têm acreditado nisso por pelo menos 70 anos”.² Nessas investigações, a ideia de “moral” é compreendida como sinônimo de gentileza, honestidade ou decência em relação a outrem. Para os participantes questionados, inclusive no Brasil e na França, os contatos do dia a dia não teriam a mesma bondade de outrora. O fenômeno não apresentaria variações significativas de acordo com a idade ou o gênero dos investigados.

Apesar de observarem avanços, nos Estados Unidos, quando indagadas sobre tópicos precisos, como o respeito aos direitos das populações afro-americana ou gay, as pessoas continuariam a acreditar no declínio moral da sociedade como um todo. Essa percepção aumentaria quando considerados intervalos de tempo maiores: a comparação com décadas anteriores, em vez de anos, intensificaria a sensação. Em geral, o declínio é atribuído a uma deterioração da moralidade tanto das novas gerações, quando comparadas às anteriores, quanto do comportamento dos mesmos indivíduos no curso das épocas.

2 Todas as traduções de obras listadas nas referências em língua estrangeira foram feitas por mim.

Os pesquisadores defendem, contudo, que a crença no declínio moral seria fruto de uma ilusão psicológica. Embora os entrevistados apontem para uma degradação ao longo dos anos, as avaliações da moralidade corrente de seus contemporâneos — um dos pontos de interesse da pesquisa — ficariam estáveis a cada investigação. Em outras palavras, como o declínio moral ocorreria se os grupos de entrevistados identificariam níveis de moralidade corrente semelhantes a cada época? Mastroianni e Gilbert (2023, p. 786) encontraram outro dado relevante para o argumento da ilusão: as pessoas acreditam que “a moralidade declinou entre os indivíduos em geral, mas esse efeito foi revertido [...] ou atenuado [...] entre aqueles que elas conhecem pessoalmente”.

Tal percepção de declínio seria motivada por dois vieses psicológicos. O primeiro, chamado “efeito de exposição enviesada” (*biased exposure effect*) (Mastroianni; Gilbert, 2023, p. 786), diz respeito à tendência humana em procurar e esperar informações negativas sobre os outros. A mídia de massa, por exemplo, destacaria mais eventos e comportamentos nocivos que boas ações. O segundo, descrito como “efeito de memória enviesada” (*biased memory effect*) (Mastroianni; Gilbert, 2023, p. 786), aponta para a forma atenuada ou mesmo incorreta de recordar eventos desagradáveis do passado. O impacto emocional desse tipo de experiência tenderia a ser menor ou até mesmo esquecido por muitos de nós. A combinação dos dois vieses ajudaria a explicar a sensação de declínio moral:

Funcionando juntos, esses dois fenômenos podem produzir a ilusão de declínio moral. Especificamente,

a exposição enviesada a informações sobre a moralidade corrente pode fazer o presente parecer um deserto moral, e a memória enviesada de informações sobre a moralidade passada pode fazer o passado parecer um paraíso moral; quando as pessoas num deserto lembram ter estado num paraíso, elas podem naturalmente concluir que a paisagem mudou. (Mastroianni; Gilbert, 2023, p. 786)

Além de produzir uma visão frequentemente distorcida do mundo real, a crença no declínio moral é constantemente mobilizada por diferentes grupos políticos, sobretudo por aqueles que propagam a nostalgia pelo passado e o desejo de restaurar uma suposta era de ouro perdida. Observando os impactos sociais desse tipo de propaganda ideológica, Mastroianni e Gilbert (2023, p. 788) descrevem a percepção de declínio como “generalizada, duradoura, infundada e facilmente produzida”.

Se os experimentos em psicologia evidenciam como a noção de declínio moral é difundida e comum em nossa espécie, conclusões semelhantes foram alcançadas por pesquisas em outras áreas do conhecimento. Ao analisar obras de autores como Arthur de Gobineau, Friedrich Nietzsche e Oswald Spengler, Arthur Herman (2001, p. 15) identificou a existência de uma influente e duradoura “tradição intelectual: a ideia de ‘decadência do Ocidente’”. Essa linhagem é verificável também na atualidade, quando pululam livros com alertas sobre a crise iminente das sociedades ocidentais. Em nosso contexto, as fontes das ameaças seriam das mais diversas ordens, englobando questões ambientais, riscos do desenvolvimento tecnológico, fluxos migratórios, entre tantos outros temas.

Tanto à direita quanto à esquerda do espectro político, diferentes atores sociais denunciaram o declínio das civilizações³.

Esse tipo de pensamento tem raízes profundas na história, verificáveis desde a Antiguidade clássica, mas se manifestou mais intensamente na Europa a partir do final do século XVIII. Na base dessa tradição, Herman (2001, p. 15) observa um “pessimismo cultural”, segundo o qual a sociedade moderna, deteriorada pela industrialização e pelo mercantilismo, estaria condenada ao colapso. Enquanto alguns grupos de intelectuais se apavorariam com a possível destruição ocidental e refletiriam sobre meios de evitá-la, outros, pelo contrário, estariam prontos a acolhê-la, esperançosos com a criação de uma ordem diferente, muitas vezes utópica. Tal forma de enxergar os acontecimentos traria, portanto, um aparente paradoxo:

Para o pessimismo cultural, portanto, más notícias são na verdade *boas notícias*. Ele acolhe a depressão econômica, o desemprego, as guerras e os conflitos mundiais e os desastres ambientais com uma alegria apenas oculta, uma vez que todos esses acontecimentos prenunciam a destruição final da civilização moderna. (Herman, 2001, p. 17)

Não obstante a tradição intelectual da decadência seja verificável na contemporaneidade e tenha raízes ainda mais antigas, um momento histórico, em especial, foi marcado por ela: o final do século XIX. Conforme explica Herman (2001, p. 12), esse foi o período “no qual a imaginação da decadência primeiro se configurou de modo

3 As pesquisas de Mastroianni e Gilbert (2023, p. 784) também indicam como essa crença não se restringe a uma única ideologia política. É o que sugerem estudos feitos com participantes nos Estados Unidos: embora os conservadores identifiquem mais declínio moral, também os liberais o indicariam.

decisivo”. As teorias raciais da época, como as de Gobineau, são ilustrativas de como os debates intelectuais mobilizavam ideias de corrupção e degeneração.⁴ Elas buscavam estabelecer uma hierarquia entre supostas raças humanas e indicavam o estado de degradação da Europa, resultante da miscigenação de brancos, considerados descendentes de arianos, com outras raças. Na argumentação dos adeptos do “pessimismo racial” (Herman, 2001, p. 71), a vitalidade ariana teria se esvaído com os sucessivos cruzamentos inter-raciais, numa perspectiva que, como sabemos, seria ainda mais popular no século XX, com o avanço dos fascismos, e teria na Shoah uma de suas mais trágicas consequências.

As razões para a posição de destaque do final do século na tradição da decadência são ainda mais prolíficas. Na França, diferentes grupos de intelectuais e artistas defenderam a ideia de que o país estava em profundo declínio nas mais diferentes esferas. A despeito de avanços nas ciências, na medicina e no planejamento urbano, entendiam que o progresso econômico e tecnológico degenerara o indivíduo e a coletividade. Em muitos casos, a sensação de aviltamento moral conduziria os literatos a produzirem obras marcadas por um pessimismo cultural. A avaliação negativa sobre o período variava conforme as preocupações, as ansiedades e o objeto de análise de cada autor:

Decadência? Melhor seria, na verdade, empregar o plural, de tanto que a decadência carrega todos os fantasmas. Ela cobre com seu manto generoso todos

4 Merece destaque também o livro *Entartung* (1892), de Max Nordau, que apontava as manifestações e causas do que julgava ser a degeneração da arte e da sociedade europeia, em especial de Paris (Weber, 1988). A obra foi bastante comentada na imprensa finissecular francesa.

os medos de dissolução, de decomposição, de perda de unidade, de colapso de valores. A ideia da igualdade, que subentende também a emancipação da mulher, ameaça explodir a família. Enquanto a obsessão dos maus costumes ocupa o coração do pensamento decadencial: a droga, o adultério, o onanismo, a prostituição, a homossexualidade, a efeminação dos homens e a virilização das mulheres aparecem como sintomas de uma degenerescência física dos franceses. (Winock, 2017, p. 21)

A interpretação, por parte desses escritores, dos eventos históricos desempenhava um importante papel na percepção de decadência durante a Terceira República (1870-1940). Em 1871, a França perdera a Guerra Franco-Prussiana e ainda vivera o trauma dos conflitos da Comuna de Paris naquele mesmo ano. Os anos de 1881 e 1882 seriam marcados pelas leis de universalização e laicização do ensino propostas por Jules Ferry. Para escritores como Léon Bloy, sobre quem falaremos mais à frente, essas iniciativas reforçavam o afastamento de seus contemporâneos em relação ao catolicismo e conduziram o país a um secularismo degradante. Já a década de 1890 testemunharia os impactos na credibilidade de políticos e da imprensa após o caso de corrupção financeira e suborno conhecido como *Scandale de Panama*, além dos conflitos gerados com o *Affaire Dreyfus*, caracterizados por antissemitismo, intolerância política e nacionalismo radical (Mollier, 1991; Pagès, 2021).

Não se trata, contudo, de defender se essa foi de fato uma época de decadência social, cultural ou moral — o que seria, aliás, de difícil verificação. O historiador Eugen Weber (1988) já indicou como a sensação de degradação geral parece ter se restringido a um grupo

específico de autores, enquanto grande parte da população francesa se beneficiava com uma série de avanços na qualidade de vida, como nos transportes, na iluminação pública e na higiene urbana. O que nos interessa é menos a realidade histórica, também sujeita a interpretações e debates, e mais a representação ficcional, literária, de escritores que enxergavam o declínio da França.

O retrato da sociedade proposto por muitos escritores finiseculares é bastante sombrio, especialmente na produção de Léon Bloy. Antoine Compagnon (2011, p. 13) lista-o como um dos “antimodernos”, isto é, pertencente a um conjunto de franceses que demonstravam “uma reação, uma resistência ao modernismo, ao mundo moderno, ao culto do progresso, ao bergsonismo tanto quanto ao positivismo”. Em seus ensaios, panfletos e romances, as críticas, de base religiosa, à França *fin-de-siècle* têm grande importância. Neles, a progressiva laicização dos costumes e das leis é sistematicamente atacada. Ainda pouco conhecida pelos leitores e comentada na crítica, sua contística segue a mesma tendência e merece um exame mais detido.⁵

A “CATAPULTA VERBAL” DE Léon BLOY

Composto por 32 contos, publicados anteriormente no periódico *Gil Blas*, o livro *Histoires désobligeantes* foi lançado em 1894 pela editora de Édouard Dentu. As “histórias desagradáveis”, assim qualificadas desde o título do volume, exploram casos de adultério, disputas familiares, suicídios, crimes, transgressões sexuais,

5 Resultados preliminares desta análise foram apresentados, sob a forma de comunicação oral, durante o Seminário Internacional “Territórios Inquietantes: O Medo na Literatura e nas Artes”, em abril de 2024.

prostituição e profunda miséria. A despeito da variedade de temas, grande parte dos textos se estrutura em torno da ideia de corrupção moral. As figuras mais pintadas por Bloy são mesquinhas, avarentas, infiéis, pouco piedosas e devassas. Numa recensão contemporânea publicada no *Mercure de France*, o crítico e poeta Julien Leclercq (1895, p. 107, grifos do autor) observou que “os heróis grotescos ou lamentáveis desses contos pertencem a mundos obscuros onde a vida suja e imbecil se manifesta sem menos intensidade que nos meios *intellectuais*”. Da leitura depreende-se, portanto, um retrato bastante negativo da sociedade francesa em diferentes contextos e classes.

Numa edição mais recente da obra, Sandrine Fillipetti (2017, p. 10) apresenta as histórias do volume como “*contes noirs*” e “*contes cruels*”, que, carregados da “ironia raivosa do escritor”, teriam o objetivo de “abalar o pensamento dominante [*la bien-pensance*] da Terceira República”. Em prefácio adicionado ao volume 20 anos depois, em 1914, o próprio Léon Bloy revelou a ojeriza que sentia por seus contemporâneos e o desejo de incomodá-los com os textos da recolha:

Confesso, não está em meu poder permanecer tranquilo. Quando não massacro, é preciso que eu desagrade. É meu destino. [...].

Meu riso mesmo, quando devoro os contemporâneos, não acordaria uma aranha tecedeira, e meus passos fazem menos barulho ainda quando passeio por entre seus sepulcros. [...].

Não me falai mais desses imbecis.

(Bloy, 1914, p. 9-11)

Ainda que tivesse consciência do silêncio ao qual parte significativa da crítica finisse legaria à sua obra, Bloy continuou o projeto de expor e denunciar o que acreditava ser a degradação da época.

Em seu caso, a defesa do declínio moral do país partia de bases religiosas. Como explica Winock (2017, p. 27), o escritor “exprime num estilo hiperbólico, com ênfases de profeta, o que todo um meio católico sentia então: a caducidade de sua religião e o definhamento da França”. O tom geral dos textos do autor, sobretudo os panfletos, destacava-se pela ênfase e mordacidade. No volume de contos em questão, sua “catapulta verbal” (Fillipetti, 2017, p. 8) também se faz presente e funciona como um meio de destacar a morbidez e o avançado estado de decadência das situações narradas.

Embora quase todos os contos do livro apresentem figuras em declínio — seja por conta de seus vícios, seja pela miséria — e contribuam, quando lidos em conjunto, para a expressão de corrupção moral, nossa análise terá como foco as narrativas em que a decadência é representada, de modo mais explícito, como uma questão coletiva. Nessas histórias, não se trata apenas de indivíduos desafortunados ou sem caráter. A narração adota uma perspectiva mais abrangente para destacar como as situações expostas não constituiriam um caso isolado, mas a base da sociedade francesa finissecular. Há nelas uma abordagem totalizante, em que o particular cede espaço para o comum. Dessa forma, é possível observar com mais clareza o pensamento da decadência formulado por Léon Bloy, disperso em suas histórias.

No conjunto dos contos, “Le torchon brûle” é aquele em que a decadência social fica mais evidente. Seu título é composto por uma expressão idiomática que designa a irrupção de uma briga e uma atmosfera de confusão. A narrativa se desenvolve a partir de duas histórias enquadradas. Elas são contadas por homens de letras à

margem das Academias, que se reúnem na casa de Henry de Groux. Figura real das artes visuais do período, o anfitrião é descrito como “o pintor dos homicídios” (Bloy, 1894, p. 223). Na primeira trama, um dos convivas afirma que seria de interesse patriótico não apenas a divulgação pública de dados referentes aos crimes mais escabrosos cometidos por assassinos e estupradores — que também entreteriam o público —, mas também os desvios das supostas boas pessoas, responsáveis pelo equilíbrio social:

— [...] Estatísticas perseverantes e jubilatórias nos informam periodicamente sobre o fluxo e a vazante das transgressões de nossas leis penais. Regozijamo-nos com nossos catálogos sinópticos em que se encontram consignados, em algarismos naturalmente árabes, os assassinatos ou os estupros que nos ajudaram a suportar a monotonia das horas e que a magistratura puniu sem indolência, de tal época a tal época.

“Seria inútil, suponho, contestar o interesse patriótico desses documentos [...].

“Não seria menos patriótico, vós convireis sem empalidecer de raiva, empreender a divulgação da universal vilania das pessoas de bem. Os ladrões de estradas e os mais notórios malandros se insurgiriam eles mesmos contra tal descrédito dos ponderadores do equilíbrio social.” (Bloy, 1894, p. 234-235)

Para ilustrar seu argumento, o convidado narra uma história que lhe acontecera no dia anterior ao encontro. Ao caminhar pelas ruas de Paris, encontrou um senhor aparentemente muito respeitável, contente e piedoso, que descia os degraus da Igreja de Saint-Roch. Ao vê-lo, decide pôr à prova a tranquilidade daquela figura, assustando-o da seguinte forma:

— Senhor — disse-lhe com uma voz breve e surda —, tomai cuidado! A coisa está pegando fogo!

“Vós sabeis que não é fácil me espantar. Pois bem, meus amigos, o efeito dessas palavras me desconcertou a ponto de me deixar imbecil por algumas horas.

“O personagem tornou-se verde, lançou-me olhos loucos e desesperados como os de um preto encetado por um crocodilo, pôs-se a tremer como uma avenida de choupos e lançou-se num veículo que desapareceu instantaneamente.” (Bloy, 1894, p. 236)⁶

O narrador acredita que, caso repetissem o teste com outras pessoas, observariam a mesma reação em quase todos os casos. Dessa abordagem, tão abrupta, tira uma conclusão moral: “As consciências modernas estão tão em dívida que está ao poder do primeiro audacioso que aparece transformar-se num trovão e circular como a Górgona no meio das multidões honradas” (Bloy, 1894, p. 236). Nesse sentido, bastaria uma frase para desencadear uma resposta de medo em seus contemporâneos, mesmo naqueles que formariam a elite moral da sociedade. A suspeita é de que essas pessoas, a despeito de uma imagem pública imaculada, não levariam uma vida plenamente íntegra. Como afirma o personagem, trata-se de um problema de consciência, ainda mais profundo e generalizado que os crimes chocantes.

6 Reproduzimos o trecho também no original, em língua estrangeira, tendo em vista o uso da expressão idiomática que dá título ao conto e as comparações estabelecidas pelo narrador, que revelam o preconceito racial presente na sociedade francesa finissecular: “— Monsieur, lui dis-je d’une voix brève et sourde, prenez garde! Le torchon brûle! Vous savez qu’il n’est pas facile de m’étonner. Eh! bien, mes amis, l’effet de cette parole me déconcerta jusqu’à me rendre imbécile pour quelques heures. Le personnage devint vert, me jeta les yeux fous et désespérés d’un nègre entamé par un crocodile, se mit à trembler comme une avenue de trembles et s’élança dans une voiture qui disparut instantanément”.

A segunda história do conto, também emoldurada, é apresentada por outro convidado, que lê a carta de um escritor muito respeitado e bem-sucedido. Esse personagem decide fazer uma confidência e revelar um acontecimento de seu passado que o perturba. Antes da fama, fora muito pobre e passara fome; como consequência, ressentia-se contra o mundo e os ricos. Certo dia, viajando em direção a Paris, pede ao dono de uma fazenda que encontrara no caminho para passar a noite no local, mas sua demanda é recusada. Dorme ao relento, na miséria e sem comida, mas encontra, misteriosamente, um objeto no bolso, que julga ser a crosta de um pão. Ao levá-lo à boca, descobre que tinha diante de si uma caixa de fósforos. Movido por um desejo de vingança e revoltado com sua pobreza, atea fogo no local:

“Era uma caixa de fósforos.

“Não a engoli, essa caixa maldita, essa caixa infame cuja presença nunca me pude explicar e que me enviaram certamente os demônios.

*“No entanto, alguma coisa desceu em mim, alguma coisa que me pareceu melhor que a saciedade dos meus intestinos. Fiquei saturado, embriagado, *refrescado* com o vinho deleitável do ódio e da vingança. Eu notara que um leve sopro passava, correndo do lado da fazenda...*

“Meia hora mais tarde, tudo flamejava. A casa inospitaleira tornou-se um monte de cinzas, e uma velha paralítica, disseram-me, foi calcinada... A justiça jamais conseguiu encontrar o culpado...”
(Bloy, 1894, p. 239-240, grifos do autor)

É relevante observar que a atitude do respeitável escritor, além de reforçar o argumento da corrupção de todos os tipos de pessoas, poderia ter sido motivada por uma influência demoníaca. Quando consideramos o catolicismo dos textos de Bloy, a sugestão de um

poder diabólico sobre os homens surge não apenas como um possível evento sobrenatural, mas como a constatação de uma sociedade espiritualmente corrompida. Imersos num ambiente obscuro, que espelha a escuridão de suas almas, a reação dos ouvintes a esse caso conclui a narrativa e reforça a percepção de um declínio moral coletivo: “Nosso amigo Rodolosse estava nesse ponto da história, quando um escultor, cuja barba sedosa eu contemplava, girou vivamente o botão da lâmpada que nos iluminava, e ouviram-se *vários* homens soluçarem nas trevas” (Bloy, 1894, p. 240, grifos do autor).

A indicação da decadência como um problema coletivo é observável também em “La Religion de Monsieur Pleur”. O protagonista, cujo sobrenome compõe o título da história, é um velho repulsivo e obcecado pelo dinheiro — que seria sua verdadeira religião. O início da narração confere destaque ao perfil desse personagem, que se comporta como avarento apesar de aparentar ter muito dinheiro. Seu desvio moral é refletido não apenas no desejo de preservar a fortuna de todo jeito, mas também em sua aparência física, que é descrita com atributos monstruosos:

O aspecto desse velho fecundava a vérmina. O cinzeiro de sua alma estava a tal ponto patente em suas mãos e em seu rosto que não teria sido possível imaginar um contato mais assustador. Quando ia pelas ruas, os córregos mais lodosos, tremendo de refletir sua imagem, pareciam ter a intenção de voltar para suas fontes. (Bloy, 1894, p. 29-30)

À primeira vista, poderíamos estar diante de mais um caso individual de degradação pela usura, tantas vezes denunciada por Bloy nos contos do volume. Monsieur Pleur, contudo, é apresentado

como uma representação da sociedade burguesa. Sua presença adquire um aspecto admoestatório, de forma a lembrar a todos da corrupção espiritual. Há uma dimensão escatológica no protagonista, pois o narrador aventa a possibilidade de compará-lo a “algum horrível profeta, anunciador dos vômitos de Deus” (Bloy, 1894, p. 32). Em outro trecho, fica ainda mais patente a ideia de que essa figura sintetizaria o comportamento de seus contemporâneos:

Parecia dizer aos indivíduos confortáveis a quem sua presença enojava:

— Não compreendei, ó meus irmãos, que vos *traduzo* para a eternidade e que minha impura carcaça vos reflete prodigiosamente? Quando a verdade for conhecida, vós descobrireis, finalmente, que eu era vossa verdadeira pátria, a tal ponto que, vindo a desaparecer, a pestilência de vossos espíritos sentirá minha falta. Tereis saudade da minha vizinhança imunda que vos fazia parecer vivos, enquanto estáveis abaixo do nível dos mortos. Hipócritas desprezíveis que detestais em mim o denunciador silencioso de vossas turpitudes, o horror material que vos inspiro é precisamente a medida das abominações de vosso pensamento. Pois, enfim, de que poderia eu ser, então, verminoso, senão de vós mesmos que me enxameais até o fundo do coração? (Bloy, 1894, p. 32-33, grifos do autor)

O discurso desse personagem, imaginado pelo narrador, não parece distante dos próprios objetivos de Bloy ao escrever o prefácio ao volume anos depois. A posição do autor e de Monsieur Pleur são, nesse ponto, comparáveis, já que ambos seriam evitados por seus semelhantes e denunciaram, direta ou indiretamente, a degradação da época. Assim, o protagonista do conto adquire um duplo status: inicialmente, é um avarento repulsivo e, nesse sentido,

também um dos degenerados do fim do século; depois, contudo, torna-se a representação viva, um terrível alerta, das “turpitudes” e “abominações” coletivas que sua figura espelharia.

O segundo aspecto surge mais como uma projeção do narrador e da consciência das pessoas que efetivamente de um comportamento ativamente buscado pelo velho. Ao passar ao lado de mulheres elegantes, causaria nelas um efeito aterrador. Para as moças, a presença do senhor surgiria como um *memento mori*, um alerta de que a degradação final não estaria longe. Monsieur Pleur torna-se, simultaneamente, um símbolo de usura e também da morte. A partir desse amálgama, Bloy indica como o apego ao dinheiro e ao materialismo rebaixariam o ser humano, conduzindo-o à decrepitude:

O olhar do esquisito era particularmente insuportável às mulheres elegantes que ele parecia execrar [...].

— Não é verdade, bonita — acreditavam elas ouvir — que virás ao meu encontro? Farei com que visites minha fossa graciosa, e verás o belo adorno de caracóis e escaravelhos pretos que te darei para realçar a brancura de tua pele divina. Estou apaixonado de ti como um cancro, e meus beijos, asseguro-te, valem mais que todos os divórcios. Pois vós federeis um dia, meu rato rosa, federeis voluptuosamente ao meu lado, e nós seremos duas caçarolas sob as estrelas. (Bloy, 1894, p. 33)

As causas históricas do declínio denunciado pelo autor são mais perceptíveis no conto “Projet d’Oraison funèbre”, que se assemelha a uma narrativa *à clef*, possivelmente associada à morte de Villiers de l’Isle-Adam, ocorrida em 1889. O texto se inicia com a menção ao falecimento de um escritor sublime, mas desprezado, em vida, por seus contemporâneos — que, depois, lhe prestariam homenagens

hipócritas. Tendo levado uma vida difícil e expirado na indigência, esse homem de letras é chamado de Lazare pelo narrador, numa possível referência bíblica ao episódio do mau rico e o pobre Lázaro no *Evangelho segundo São Lucas* (Bíblia, 2002). Apesar da miséria, a figura do conto seria descendente de uma linhagem aristocrática. A partir desse caso, Bloy criticará os efeitos da Revolução Francesa sobre a sociedade.

O narrador afirma que o escritor confirmaria “o adágio mais decisivo sobre as velhas aristocracias que a Revolução acredita ter matado” (Bloy, 1894, p. 58). Em sua visão, Lazare, derradeiro membro da família, representaria por excelência sua “raça” e concentraria todas as características gloriosas dos antepassados. Apesar dos esforços dos revolucionários para encerrar uma ordem social marcada pela simbologia e pelas distinções aristocráticas, o personagem expressaria a permanência de valores e da elevação moral da nobreza. A mudança de regime não teria eliminado as marcas comportamentais supostamente inerentes às classes.

Referindo-se aos livros de história, que tenderiam a descrever de forma sucinta algumas épocas e a destacar outras, o narrador aponta para a destruição do modo de vida de Lazare após os eventos da Revolução. Ele ressalta a falta de compatibilidade entre o escritor e o final do século XIX, entendido como uma época rude:

Lazare, último do nome, e não tendo nada mais diante de si que a boçalidade crescente do fim do século, era, ele mesmo, de alguma maneira, um desses terríveis abreviados. Incapaz de se ajustar à vida contemporânea que lhe penetrava de desgosto, residia no fundo de seu próprio coração, tal qual, em seu antro, um dragão de antes do

dilúvio, inconsolável e esgazeado com a destruição de sua espécie.

Ele levava realmente em si as almas de todos os grandes de sua Casa, e a lista era longa.

(Bloy, 1894, p. 60-61)

É comum, na ficção decadente, que os protagonistas sejam descendentes de linhagens aristocráticas, vivendo num período em que os privilégios nobiliários não existem como no *Ancien Régime*. Des Esseintes, figura central de *À rebours* (1884), de Joris-Karl Huysmans, é o exemplo mais paradigmático dessa representação: também último de sua dinastia, o personagem — sofrendo de constantes crises de nervos e isolado numa casa-museu — epitomiza a decadência da antiga classe. Em *Histoires désobligeantes*, Bloy entende que a mudança social teria engendrado os infortúnios da vida de Lazare, vitimizado, injustamente, pela época. Nas palavras do narrador, “a História [...] queimava-o, devorava-o como uma chama furiosa da qual ele teria sido o alimento último. [...]. [O] Deus Moloch não desejando mais aristocracia, o holocausto se impunha” (Bloy, 1894, p. 62).

Ao longo do conto, as causas da morte do escritor ou mesmo os infortúnios de sua vida não são pormenorizados. A narrativa se encerra com alusões negativas à Revolução, tratada como uma “agonia que durou trinta anos” (Bloy, 1894, p. 63). O declínio moral da França teria raízes bem firmes, para o autor, na ideologia revolucionária, que teria levado não apenas à derrocada da aristocracia como à degradação espiritual. Em muitos de seus textos ficcionais e ensaísticos, ele argumentaria que o novo sistema social acalentaria a ideia — falsa — de ter se livrado para sempre do sentimento religioso. Os lemas e os

símbolos republicanos se tornariam, contudo, novos objetos de culto. Como explica Yoann Chaumeil (2020, p. 78), esse tipo de raciocínio se configura como “uma maneira de desencantar um mundo pretensamente já desencantado: [...] [Bloy] nos mostra a qual ponto o *homo sæcularis* é um *homo religiosus* que se ignora”.

Além da secularização, do culto ao dinheiro e da hipocrisia das supostas pessoas honestas, o progresso tecnológico é tratado como mais uma das causas da decadência finissecular. Uma digressão no conto “Le téléphone de Calypso” ilustra o posicionamento do autor. Com elementos cômicos, a ação principal da narrativa se desenvolve a partir do divórcio de Madame Presque (“Senhora Quase”) e Monsieur Vertige (“Senhor Vertigem”). Apesar da separação, motivada pelas frequentes traições conjugais da esposa e pela rudeza do homem, a mulher se sente solitária. Para resolver seu problema, ela decide fazer uma chamada telefônica para propor ao antigo cônjuge um amor livre, sem a ligação do casamento, no qual, desta vez, poderia trair todos os amantes com o próprio marido. Bloy se vale da utilização do telefone para refletir sobre os efeitos do avanço tecnológico:

Abro aqui um parêntese, completamente inútil, aliás, para declarar que o telefone é um dos meus ódios. Sustento que é imoral falar-se de tão longe, e que o instrumento supracitado é uma mecânica infernal. Está claro que não posso alegar nenhuma prova da origem tenebrosa deste *alarga-voz* e que sou incapaz de documentar minha afirmação. Mas faço um apelo às pessoas de boa-fé e de espírito firme que o usaram. O zumbido de larvas que precede a conversa não é como um alerta de que a gente vai penetrar em algum confim reservado, onde o terror, talvez, sobreabunda... se a gente soubesse?

E a horrível deformação dos sons humanos que acreditávamos estirados sob um laminador, que parecem apenas chegar à orelha à força de se distender monstruosamente, não é ela também algo de um pouco pânico? (Bloy, 1894, p. 206-207, grifos do autor)

Descrito como um instrumento aterrador e misterioso, o telefone afastaria as pessoas umas das outras, emitiria ruídos estranhos e funcionaria de modo insólito, quase sobrenatural. A reflexão sobre o aparelho se converte numa oportunidade para o autor criticar o progresso científico de forma mais ampla. Na sequência dessa passagem, comenta-se a suposta criação de um equipamento inglês que permitiria uma escrita não manual. Embora não especificado, o invento evoca um aparato semelhante às máquinas de escrever. Para Bloy, esse seria mais um sinal de degradação da época e das pessoas, que, sem se darem conta dos perigos dos aparelhos, celebrariam um progresso:

Há poucos dias, um antigo garoto de banhos científicos, apontado especialmente para a massagem das descobertas *úteis*, no hamame de um poderoso jornal, celebrava a glória de uma usina inglesa que está exterminando a Escrita.

Parece que uma luminosa máquina vai destituir a mão dos homens, que não terão mais nenhuma necessidade de escrever, e o fantoche convidava, naturalmente, vários povos a se regozijar de um tal progresso.

Imagino que o telefone é um atentado mais grave, já que avilta a própria Palavra.

(Bloy, 1894, p. 207, grifos do autor)

A degradação apontada por Bloy incluiria mais um ator importante: a imprensa. No trecho citado, observamos como a novidade perniciosa é celebrada num jornal de grande circulação, que

cumpriria o papel de perverter o público. É válido também observar os termos utilizados pelo autor com a letra maiúscula: em francês, *Écriture* e *Parole*. Ambos possuem um sentido religioso, sobretudo quando capitalizados, pois, podem se referir, respectivamente, às escrituras sagradas e à palavra divina. Embora esses sentidos não tenham sido evidenciados nessa digressão, o conjunto de escritos do autor permite-nos levantar a hipótese de que ele acredita que o progresso científico atentaria contra a espiritualidade, em mais um sinal do declínio moderno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As *Histoires désobligeantes* de Léon Bloy destacam os aspectos mais negativos da França do final do século XIX. Para além dos casos individuais de corrupção moral indicados nas narrativas, o retrato coletivo é desolador. Como observamos em “Le torchon brûle”, não apenas os criminosos mais célebres, mas também as pessoas comuns, aparentemente honestas, teriam suas consciências corrompidas. Os contemporâneos do escritor estariam afastados da religião, ludibriados pelo progresso técnico, obcecados pelo dinheiro e corrompidos pela Revolução Francesa. As expectativas sobre o futuro tampouco são otimistas, já que o prenúncio de novidades da ciência e da engenharia parece, conforme descreve o narrador de “Le téléphone de Calypso”, aviltar a humanidade.

Mesmo ao retratar tramas particulares e casos específicos, Bloy não deixa de lado os traços gerais da época. Num dos contos, “Le passé du Monsieur”, o leitor é apresentado à história de uma moça, honesta e tranquila, que se apaixona por um homem medíocre, nele

enxergando uma figura distinta. Apaixonada, ela adota os melhores comportamentos para se tornar sua esposa. O caso poderia ensinar uma percepção mais positiva sobre a realidade, mas não é o que acontece. Como afirma o narrador, “nosso fim de século, delgado e espiraliforme como o rabo de um porco, deve oferecer poucos exemplos de um encantamento semelhante” (Bloy, 1894, p. 138). Ao final da narrativa, a moça morre, arruinada financeiramente e tendo roubado diversas pessoas para tentar adquirir capital e agradar ao pretendente. Se a devoção da personagem parecia inusitada num cenário de tanta degradação, seu destino apenas reforça a percepção de declínio moral, onipresente na contística do autor.

Buscamos demonstrar que as reflexões sobre o suposto declínio da sociedade ocidental, ainda tão presentes na atualidade, encontraram amplo espaço na literatura decadente francesa. O pessimismo cultural — aqui exemplificado pela obra de Bloy, mas de forma nenhuma restrito a ela — se manifestou nos diversos elementos insólitos e terríveis dessa ficção. Tais recursos imagéticos e narrativos permitiram aos escritores finisseculares expressar a sensação de um mundo em decomposição e dominado por indivíduos degenerados. Muitas das representações literárias do final do século XIX, carregadas de ansiedades culturais e, por vezes, de preconceitos, continuariam presentes nas letras novecentistas, reforçando uma tradição artística obcecada pela ideia de decadência.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição, revista e ampliada. Tradução de Euclides Balancin, Samuel Barbosa, Estêvão Bettencourt, Emanuel Bouzon, Gilberto Gorgulho, Theodoro Maurer Jr., Jorge Mota, Benjamin de Oliveira, Ney Pereira, Isaac Salum, Luiz Stadelmann, Ivo Storniolo, Calisto Vendrame, José Vidigal, Domingos Zamagna, Joaquim Zamith. São Paulo: Paulus, 2002.
- BLOY, Léon. *Histoires désobligeantes*. Paris: E. Dentu, 1894.
- BLOY, Léon. Préface; L'enragé solitaire ou la Conspiration du Silence. In: BLOY, Léon. *Histoires désobligeantes*. Paris: G. Crès, p. 7-11, 1914.
- CHAUMEIL, Yoann. Léon Bloy et l'envers de la sécularisation. In: KOCIUBIŃSKA, Edyta (Org.) *Romanciers fin-de-siècle*. Leiden/Boston: Brill-Rodopi, p. 66-78, 2020.
- COMPAGNON, Antoine (2005). *Os Antimodernos*; De Joseph de Maistre a Roland Barthes. Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FILLIPETTI, Sandrine. Préface. In: BLOY, Léon. *Histoires désobligeantes*. Paris: Mercure de France, p. 4-16, 2017.
- HERMAN, Arthur (1997). *A ideia de decadência na história ocidental*. Tradução de Cynthia Azevedo e Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LECLERCQ, Julien. *Histoires Désobligeantes*, nouvelles, par Léon Bloy (Dentu). *Mercure de France*, Paris, tomo XIV, p. 106-107, 1 abr., 1895.
- MASTROIANNI, Adam M.; GILBERT, Daniel T. The illusion of moral decline. *Nature*, v. 618, p. 782-789, 2023.
- MOLLIER, Jean-Yves. *Le Scandale de Panamá*. Paris: Fayard, 1991.
- PAGÈS, Alain. *O Caso Dreyfus*; Verdades e lendas. Tradução de Pedro Paulo Catharina. Campinas: Editora da UNICAMP, 2021.
- WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- WINOCK, Michel. *Décadence fin de siècle*. Paris: Gallimard, 2017.